

Uma que é outra

Deise Ellen Piatti*

Era uma vez a Origem. Certa vez, estava ela sentada num banco, em um Jardim. Nesse dia, uma criatura dotada de traços não humanos, com penugens por entre os cabelos e no pescoço, pediu-lhe permissão para sentar-se a seu lado. Aquela figura curiosa chamou a atenção da Origem, que acerca dela quis saber um pouco mais. A Origem perguntou-lhe seu nome. Ela não tinha nome. — “O nome verdadeiro é uma questão totalmente particular”, disse a senhora. E completou: — “Cada qual nos revelamos pelo nome que nos apetece. Para a senhora eu sou Tradução”. Foi também nesse primeiro encontro que a Tradução disse à Origem que não se pode conhecer de fato uma criatura a não ser que se tenha com ela contato direto e totalmente isolado, sem nenhum apêndice que não seja ela mesma. — “Tudo quanto não se encontra na própria criação, que lhe é agregado, só anuvia sua figura e obscurece sua forma verdadeira”. Com estas palavras findou a Tradução seu primeiro encontro com a Origem.

Outras tantas vezes a Origem encontrou-se com a Tradução naquele mesmo Jardim. Mas tinha ela a impressão de que seus encontros com aquela criatura de formas pouco comuns não foram só com ela, mas também com outra que se lhe assemelha. A Tradução tinha diversas faces, e seus trejeitos se alteravam de vez em vez, certamente de acordo com as alterações de seu espírito e também daqueles que a observavam. — “Sei que a Tradução é ela mesma, mas, por vezes, algum sentido me sussurra que ela não é ela e sim uma outra”, pensou a Origem. Já a Tradução, para ela todo encontro com a Origem parecia-lhe ser o primeiro. Talvez seja porque, a cada encontro, temos de reencetar o conhecimento original.

Das coisas de que a Tradução falava, a Origem viu que elas se assemelhavam àquilo que ela pensava, tal como que suas palavras lhe fossem arrancadas da boca. A Origem passou a crer que a Tradução possuía a faculdade de ler as reflexões de seus semelhantes. Mas, na Tradução, suas mutações de espírito se espalhavam incessantemente em seu semblante, em cada um de seus movimentos, sons e trejeitos, de modo que se tornava impossível descobrir-lhe o estado de ânimo. Seu semblante brincava de esconder-se consigo mesma. E este foi o motivo pelo qual o encontro da Tradução com a Origem não se fixou num conhecimento mútuo. A Origem formou o conceito: a Tradução é ela mesma e também é outra. E, curiosamente, no âmbito de sua

*Possui graduação em Letras (2006) e Mestrado em letras (2009) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. É integrante do grupo de "Pesquisa em Educação e Comunicação, Linguagem e Arte" – PECLA – da UNIOESTE. E-mail: deisepibic@hotmail.com

personalidade dúplice, agia na Tradução um fluxo de sentimentos que vinha da Origem para si, tão logo toda ela desta se afastava.

Tal é a Tradução: águia livre. Como é a águia livre? Aparentemente, ela aterrissa num voo impulsivo sobre a Origem, como se premeditasse instalar-se nela, e eis que se arrepende no mesmo instante e se transporta a outro galho, a outra Origem, às Memórias, como que obedecendo a uma ordem oculta. A Tradução, estando no Jardim, sentada no banco, também é capaz de interromper improvisadamente o encontro com a Origem, pois está isenta das leis humanas. Por vezes, interrompe uma frase da Origem ao meio, cria asas e se afasta dela sem dar sinal e sem se despedir. Outro traço de seu comportamento é que, por vezes, todo o seu aspecto atesta que, apesar de estar parada, ou no Jardim, sentada ao lado da Origem, ela se encontra bem longe.

— “Mais e mais isto se me afigura numa dupla vivência: a Tradução é uma que é outra. A outra dialoga consigo enquanto uma está ausente. Por vezes, imagino que ela ignora totalmente minha presença e me olha como se eu não existisse: ela me tateia como se eu fosse ar”, diz a Origem.

A Origem recusa-se, porém, ser ar. Dá-lhe vontade, por vezes, tornar-lhe palpável sua existência. Então a Origem toma-lhe a mão e diz explicitamente à Tradução: — “A senhora diz o que diz como que se seus pensamentos saíssem de minhas palavras. Parece-me que, na maioria dos casos, temos identidade de opinião”. E a Origem produz um sorriso choroso e zombeteiro, sorriso em que se autocensura por não conseguir compreender que a vida é adquirida num constante atrito com as demais criaturas. A Origem não entendia que a intenção da Tradução era de procurar, por entre Memórias, sua própria afirmação. /

E, naquele Jardim, ocorreu que, por vezes, a Tradução interrompeu quase que por completo seu diálogo com a Origem, e se a via num bosque mais distante, mergulhada em si mesma tanto em análise pensativa muda, quanto em colóquios consigo mesma.